



América do Sul

Incêndios matam 112 na pior tragédia no Chile em 14 anos

— Secas e temperaturas mais altas provocadas pelo fenômeno climático El Niño aumentaram risco de incêndios florestais na região

SANTIAGO

Autoridades do Chile afirmaram ontem que os incêndios florestais que varrem a costa do Pacífico mataram, em três dias, 112 pessoas e deixaram 200 desaparecidas. Elas decretaram toque de recolher em quatro cidades da região de Valparaíso, entre elas o balneário turístico de Viña del Mar, em meio à piora dos incêndios florestais.

“Esse número (de vítimas) vai aumentar significativamente”, disse o presidente Gabriel Boric, ontem, descrevendo os incêndios na região de Valparaíso como o pior desastre no país desde que um terremoto em 2010 deixou 525 mortos e 1,5 milhão de desabrigados.

Milhares de casas foram destruídas pelo fogo que começou na sexta-feira e devastou as colinas costeiras em direção ao resort de Viña del Mar, impulsionado por ventos fortes. Os incêndios ocorreram quando muitas pessoas estavam de férias na região e atingiram assentamentos nas encostas onde muitos moradores mais velhos não conseguiram escapar.

Omar Castro Vázquez, cuja casa foi destruída no assentamento de El Olivar, disse que



Moradora passa por destruição deixada pelos incêndios florestais em Viña del Mar, em Valparaíso

um vizinho de 80 anos morreu no incêndio. “Parecia mais uma bomba nuclear do que um incêndio”, disse Vázquez, de 72 anos. “Não sobrou nada.”

Ontem, dezenas de incêndios ainda queimavam no centro e no sul do Chile, em meio ao que as autoridades disseram ser temperaturas mais altas do que o normal para esta época do ano.

Outros quatro países da América do Sul – Colômbia, Equador, Venezuela e Argentina – também estão lutando pa-

ONDE FICA



ra conter os incêndios florestais. O fenômeno climático conhecido como El Niño exacerbou as secas e as altas temperaturas em partes do continente, criando condições que, segundo especialistas, são propícias para incêndios florestais.

No amanhecer de ontem, faixas de fumaça surgiam nas encostas acima de Viña del Mar. Ao longo da rodovia para a costa, pontes estavam carbonizadas e tocos de árvores ainda ardiavam. As carcaças carbonizadas dos carros estavam espa-

lhadas pelas estradas.

Os primeiros indícios apontam que ordens de retirada errôneas, segundo alguns moradores, podem ter contribuído para o número de vítimas.

HAVAI. Fotografias postadas no X (antigo Twitter) mostraram longas filas de carros queimados que pareciam ter sido engolidos pelas chamas enquanto as pessoas tentavam sair, fazendo comparações com a retirada malfada durante o incêndio do ano passado em Lahaina, em Maui, Havaí.

Vázquez disse que os moradores haviam fugido para uma praça local quando um alerta de celular chegou por volta das 18h de sexta-feira. Eles não receberam nenhuma instrução além daquela sobre a necessidade de fugir. A fumaça preta então se espalhou por uma colina vinda de um jardim botânico, disse ele, e em poucos minutos sua comunidade foi engolfada por altas chamas alaranjadas.

Outro morador, Andrés Calderón, de 40 anos, disse que várias pessoas da vizinhança não queriam sair de suas casas, temendo que os ladrões as assaltassem. Na sexta-feira, ele recebeu o alerta, entrou em seu carro e dirigiu em meio a uma fumaça tão densa que teve de acender os faróis.

“Foi como entrar no inferno”, disse Calderón. “Eu não conseguia enxergar, o vento estava soprando o carro quase para fora da estrada. Eu simplesmente continuei dirigindo.”

Ontem, a área densamente construída havia sido reduzida a escombros. As margens das estradas estavam cobertas de chapas de metal contorcidas e detritos empilhados, tudo enegrecido e com cheiro de fumaça. ● NYT E AFP

NOTAS E INFORMAÇÕES

A Europa precisa acordar



UE aprova ajuda à Ucrânia, mas é evidente que ainda não entendeu o tamanho da ameaça russa

A União Europeia aprovou um pacote de € 50 bilhões para a Ucrânia. Foi uma demonstração de união, que expôs os limites da influência de Viktor Orbán, o premiê húngaro simpático à Rússia, e dissol-

veu um dos pretextos de vários congressistas norte-americanos – o de que a Europa não estava cumprindo a sua parte – para não aprovar um novo pacote de ajuda dos EUA.

Mas isso é suficiente? Para muitos especialistas, os recursos bastam para impedir que a Ucrânia perca a guerra, mas não para ajudá-la a vencer. Isso satisfaz os que querem forçar Kiev a entregar seus territórios em nome da paz. Mas é uma satisfação por sua conta e risco. O histórico e as declarações de Vladimir Putin evidenciam que ele não quer a paz. Sua retórica maximalista não arrefeceu. Em contraste, nos líderes europeus, em comparação com um ano atrás, há uma clara falta de resolução.

Além do argumento moral do apoio a uma democracia – com todas as suas falhas – que quer prosperar livre e soberana, os líderes europeus deveriam convencer suas populações que enfrentar Putin diz respeito à sua própria segurança. Mas eles mesmos não parecem convencidos.

Em seus discursos de fim de ano, os líderes do Reino Unido e da Alemanha mal tocaram no assunto. Em contraste, o presidente finlandês disparou: “A Europa precisa acordar”. A premiê dinamarquesa não mediu palavras: “Falta munição à Ucrânia. A Europa não entregou o que ela precisa. Nós pressionaremos por mais produção europeia. É urgente”. Não à toa, os países que, na proporção do PIB, mais estão dirigindo bilateralmente recursos à Ucrânia são pequenas na-

ções que sofreram na carne o jugo do imperialismo russo, como Lituânia, Estônia ou Letônia.

Os € 50 bilhões serão dispersos por quatro anos e representam só 0,08% do PIB do bloco neste período. Uma fração irrisória comparada aos € 750 bilhões do fundo de recuperação da pandemia ou ao € 1 trilhão anual para a transição energética. Mas, se a maior potência revanchista desde a Alemanha de Hitler vencer, o que virá depois? O Báltico? O Leste Europeu? Isso para não falar do reforço da doutrina da “lei do mais forte” para outras autocracias, como China ou Irã.

“Se alguém pensa que isso é só sobre a Ucrânia, está errado”, disse um exasperado Volodimir Zelenski, o presidente ucraniano, em Davos. “Dando-nos recursos e armas, vocês apoiam a si mesmos. Vocês salvam seus filhos, não só os nossos”, disse em outra ocasião.

A fadiga na população era previsível e é compreensível. Mas, por isso mesmo, em seus líderes ela é imperdoável. Não há risco para soldados europeus. Os ucranianos já mostraram que estão dispostos a derramar “sangue, suor e lágrimas”. Mas precisam de mais ajuda. “Tudo o que é necessário para nós é um pensamento claro, determinação sóbria e uma alocação de recursos totalmente manejável. Além disso, os investimentos urgentemente necessários para a indústria de defesa criarão empregos em casa, assim como fortalecerão a nossa segurança”, disse, em apelo a seus confrades europeus, o historiador britânico Timothy Garton Ash. “Será pedir demais?” ●